

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO V
II SERIE

ABRIL 1921
N.º 106

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

OS SYNDICATOS D'INICIATIVA NA EXPANSÃO DO TURISMO

JÁ, em tempo, a «Revista de Turismo», pela auctorizada pena d'um dos seus mais distinctos colaboradores, se occupou, proficiente e desenvolvidamente, da acção dos syndicatos d'iniciativa no estrangeiro e do seu aproveitamento para a expansão da vilegiatura em Portugal.

Dado o valôr d'esses organismos, como base essencial da industria do turismo, não achamos demasiado insistir no assumpto, tanto mais que as demonstrações feitas na série d'artigos que publicámos a tal respeito, não surtiram, infelizmente, o resultado que seria para desejar.

Resta-nos, porém, uma consolação: é que as nossas considerações, então feitas sobre este magno assumpto, acabam de ter — como de resto, mais tarde ou mais cedo sucede com tudo quanto dizemos — a mais cabal confirmação. Bastas vezes o temos provado, e vamos proval'o ainda outra vez, com o testemunho autorisado da informação que, extrahida do «Diario de Noticias» transcrevemos a seguir:

«*Industria de Turismo.* — Vae ser publicada a lei creando em todas as estancias hydrologicas, climatericas, de altitude, de repouso, de recreio e de

Turismo, commissões de iniciativas com o fim de promover o seu desenvolvimento de fôrma a proporcionar aos seus frequentadores um meio confortavel, hygienico e agradavel, quer executando obras de interesse geral, quer realizando iniciativas tendentes a aumentar a sua frequencia e a fomentar a industria do Turismo.»

Está, pois, oficialmente confirmada a razão que nos assistia ao sugerirmos a idéa da formação de syndicatos d'iniciativa locais, visto reconhecermos n'esses organismos o principio da acção absolutamente necessaria para a obra de conjuncto inadiavel ao estabelecimento da industria de Turismo em Portugal.

Ainda bem que o Governo reconheceu essa necessidade.

Assim, essa acertada medida — que certamente não deixará de ser promulgada dentro de pouco tempo — vem estabelecer um principio que, ha muito, tínhamos sugerido á iniciativa particular.

O que se torna, porém, necessario é que ela seja rapidamente posta em pratica, com acerto, criterio e uma orientação definida.

Se não se estabelecer simultaneamente um programa de ação; e se, na escolha das individualidades que devem constituir os sindicatos d'iniciativa, não houver o escrupulo e a isenção suficientes que demandam a obra patriótica que essas entidades vão representar na vida do Paiz, essa bela idéa do Ministro do Comercio ficará apenas inscrita no registo das boas intenções.

Para que tal não suceda, muito util era que a Sociedade Propaganda de Portugal juntasse os seus preciosos esforços aos

da Repartição de Turismo, a fim de que a pratica da idéa dos Sindicatos d'Iniciativa resulte proficua e proveitosa.

Se fôr bem compreendida a ação que esses organismos teem a desempenhar, e se na sua constituição não houver hesitações, quer na escolha das personalidades, quer na obediencia d'estas aos sacrificios que se lhe impõem; ter-se-ha dado um grande passo para a exploração da industria de Turismo, marcando-se, assim o inicio d'uma nova era.

JOSÉ LISBOA

SERVIÇO INTERNACIONAL

ESTABELECIMENTO DE COMBOIOS RAPIDOS ENTRE LISBOA E PARIS

SEGUNDO consta, deve inaugurar-se muito brevemente a circulação dos comboios rapidos Lisboa-Medina, ligando n'esta ultima estação com os rapidos Madrid-Paris, que terão immediato seguimento em França pelos chamados «*Express Côte d'Argent*».

Por esta fórmula, fica Lisboa ligada com Paris por uma viagem rapida de cerca de 40 horas, o que representa um apreciavel beneficio não só para as relações entre Portugal e a França, como tambem para as outras nações da Europa.

Este beneficio tem, porém, capital importancia para os passageiros que, vindos da America do Sul, desembarquem em Lisboa com destino a Paris e mais além, ou vice-versa, visto que o rapido de Medina circulará nos dois sentidos com marcha acelerada; sendo porém, a viagem descendente—isto é, de Paris para Lisboa, feita em

menos tempo, em virtude do percurso, n'esse sentido, permitir uma maior velocidade.

Este comboio, ao que nos informam, partirá de Lisboa ás 8 da noite e será composto de duas carruagens de «*sleeping*» e d'uma carruagem mixta de 1.^a e 2.^a classes, e circulará três vezes por semana, alternando com o serviço rapido tri-semanal, já existente e que tão excelentes resultados tem produzido para as relações commerciaes de Portugal com o centro da Europa.

Consta-nos, tambem, que este novo serviço rapido terá, porém, um caracter provisorio e será mantido apenas até que possa ser restabelecido o «*Sud-Express*» cuja circulação é absolutamente indispensavel para assegurar ao Porto de Lisboa a «*porta da entrada ocidental*» para a Europa, aos viajantes vindos da America do Sul

A homenagem aos heroicos Soldados Desconhecidos

A «Revista de Turismo», publicação essencialmente patriótica, não podia deixar de associar-se com legitimo orgulho ás justas homenagens que foram prestadas aos dois heroicos soldados mortos pela Patria nos campos das batalhas onde o imortal Exercito Portuguez teve, mais uma vez, ocasião de mostrar ao Mundo a bravura da sua raça.

E' tardia esta simplicissima homenagem, porque a indole da nossa Revista, não permitindo que fizéssemos um numero especial de consagração a esse retumbante facto historico, nos obrigou a aguardar a publicação do presente numero, para consignarmos o nosso preito mais respeitoso e da mais acrisolada admiração por esses extremosos filhos de Portugal bem amado, por quem, em consciante holocausto, dêram as suas vidas.

Honra e gloria aos bravos!

Honra e gloria ao Exercito que contou, por cada soldado da sua impoluta legião, um bravo, um heroe, um Portuguez!

Com tal gente, não é para admirar que este minusculo Paiz seja sempre Grande!

Foi-o, é-o e ha de sêr sempre, porque a raça dos descobridôres, dos navegadores, dos batalhadores e dos heroes, não se extingue facilmente ao sopro de qualquer desdita.

Vasco da Gama, Afonso d'Albuquerque, os Castros, Camões, Nun'Alvares, encarnaram-se tanto na raça que a sua alma revive e agita-se continuamente em cada corpo dos seus indefectíveis descendentes; o seu espirito reflecte-se em scentelhas de heroismo, mais uma vez consagrado pelo symbolo que os dois heroicos desconhecidos acabam de gloriosamente erguêr por sobre todo o Mundo.

Honra e gloria aos bravos.

Honra e gloria ao Exercito Portuguez.

A Revista de Turismo.

ARTE

VELOSO SALGADO

UMA OBRA-PRIMA D'ESTE GENIAL ARTISTA

PANO COMEMORATIVO DAS «CONSTITUINTES DE 1820»

E' empreza arriscada tentar transmitir o sentimento que a analyse de tão avultada obra nos desperta; e, por isso, só nos permitiremos fazer um relato puramente descriptivo-historico do que é o «pano comemorativo das Constituintes de 1820.»

O «*panneau*» de forma de meia oval, colado sobre a tribuna da presidencia no alto da sala da Camara dos Deputados, representa uma das sessões preparatorias das Constituintes de 1820 realisada n'uma das salas do Convento das Necessidades.

Uma meza destinada á presidencia, coberta de damasco vermelho, colocada em frente do trono com docel de veludo carmezin, é ladeada por cerca de 60 figuras distribuidas em grupos atentando um inflamado rasgo de oratoria de Manoel Fernandez Thomaz, que sobre o estrado, o braço esquerdo levantado, o gesto largo, domina por completo a assembleia.

Preside á sessão o arcebispo da Bahia, D. Frei Vicente da Soledade, carrancudo e sagaz.

Em expressão de admiração pelo seu grande amigo Fernandez Thomaz, vê-se Ferreira Borges e a figura insinuante de Silva Carvalho.

Do lado esquerdo está o Ministerio e secretarios particulares, de que fazem parte o tenente general Mathias, ministro da Guerra e Marinha; o Conde de Sampaio, ministro dos Negocios Extranjeiros; Bramcamp, ministro da Fazenda; Antonio da Silveira, Pinto da Fonseca, Roque

Ribeiro d'Abranches, Castelo Branco, o coronel Sepulveda, etc.

Junto á meza da Presidencia, Barreto Feio, Silva Carvalho e João da Cunha Soto-Maior; do lado direito, Joaquim Ferreira de Moura, Francisco Gomes da Silva, Francisco José de Barros Lima, Borges Carneiro, Brito Cabreira e, entre os deputados, Rebelo da Silva, Borgioli, etc.

Do lado direito, alguns membros das juntas governamentaes e deputados, ficando estes ultimos sentados em cadeiras n'um amphiteatro.

Ao fundo, a tribuna do corpo diplomatico portuguez e, mais alto, a do povo.

Na sala predomina a côr azul nobreza; o chão é coberto por um tapete crême com desenho simples.

A composição é admiravel; o desenho é de mestre; a perspectiva é rigorosa; e o efeito é surprehendente.

Pelas informações que temos, creio que Salgado tomou a incumbencia d'este trabalho ha bastante tempo, e que ha dois anos estuda o assunto pesquisando a historia nos seus mais pequenos detalhes.

A colecção de estudos que ficou d'este trabalho é valiosissima e bom seria que o Governo a adquirisse para o museu da Camara.

Figuras isoladas, retratos, grupos, desenhos a carvão segundo gravuras de Silva Veirense, estudos de composição, indumentaria, perspectiva, etc., são pequeninos fragmentos d'arte que o mestre deixou do seu labor.

E' mais propriamente n'estes farrapos que se póde avaliar a natureza dos estudos que são a introdução de um quadro historico e onde ás vezes é posto á prova o valor de um artista.

Salgado estava consagrado!

Nunca se esquecerem a «Morte de Catão», «Amor e Psyche», «Christo no Horto»; mas «As Constituintes»... é mais uma estrela a juntar ao constelado ceu da sua vida.

Permita-nos o mestre juntar ao seu nome glorioso umas modestas referencias ao seu dileto discipulo Luiz Salvador, que

com tanta dedicação, boa vontade e entusiasmo, serviu a sua paleta.

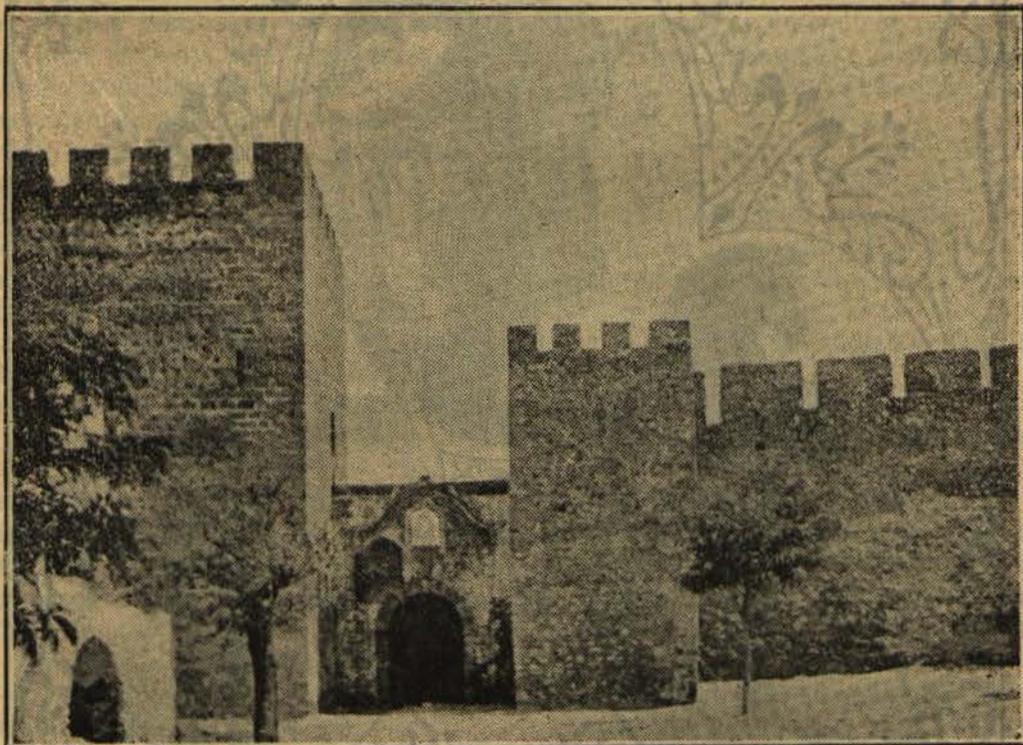
Artista joven, aluno laureado da Escola de Belas Artes com os premios Ferreira Chaves, Lupi, Anunciação e outros, é talvez o mais radioso motivo de Salgado, interprete compenetrado do seu sentimento.

O seu quadro «Agar e Ismael» tem já a consagração de um pedaço de parede do nosso Museu de Arte contemporanea.

Lisboa—Março de 1921.

CESAR FERREIRA

A NOSSA CAPA



EVORA—O Castelo

EXCURSÃO AO ALGARVE

IMPRESSÕES DE VIAGEM

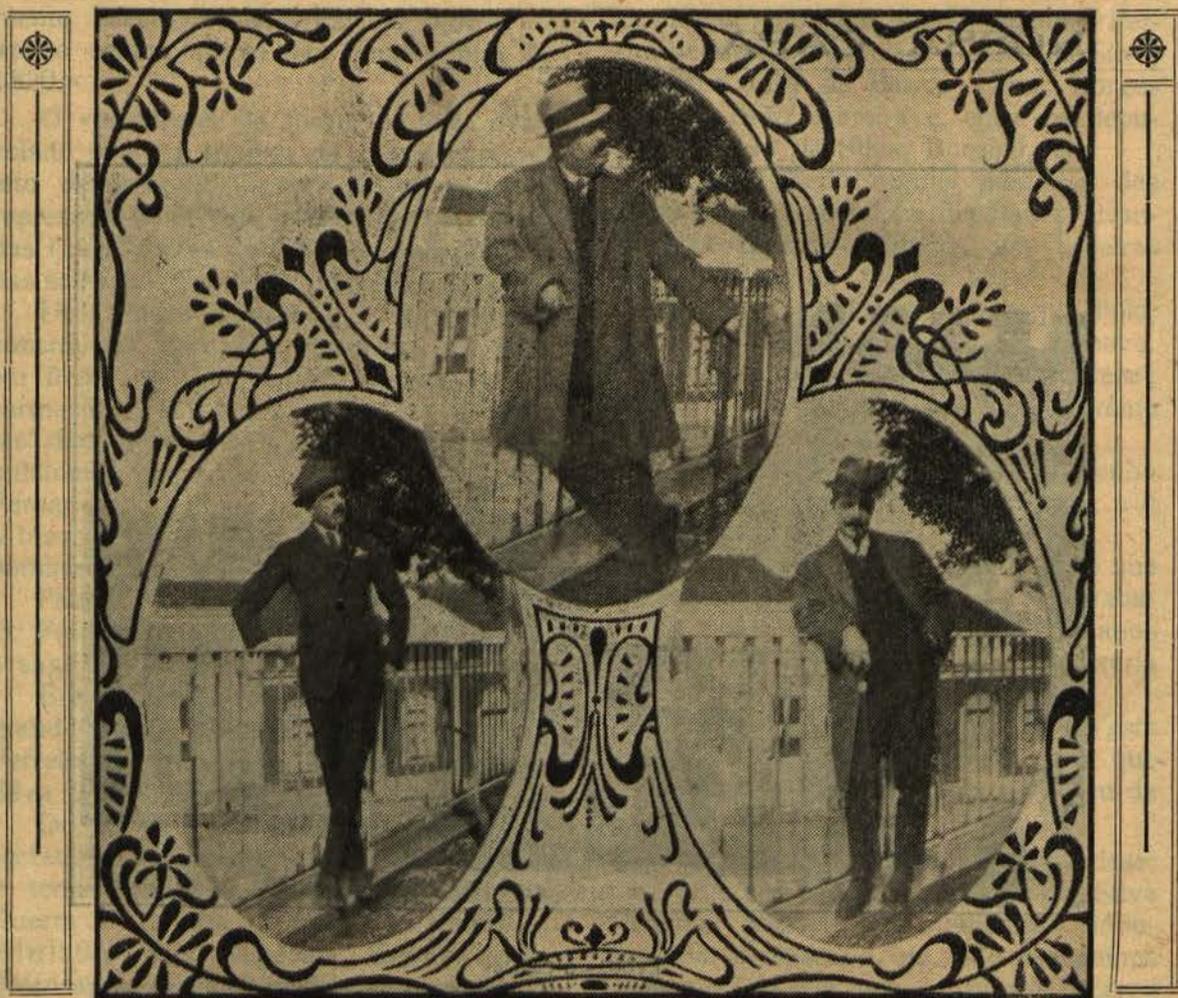
DE LISBOA A VILA REAL DE SANTO ANTONIO

CHEGADOS á estação do Barreiro, procurámos a melhor carruagem de primeira classe para mais confortavelmente passarmos a noite, durante a qual o comboio ia fazer a travessia do Alemtejo.

Devemos, n'um pequeno parenthesis, aqui dizer — a bem da justiça — que esta viagem foi toda feita á nossa custa; por-

quanto a Administração dos Caminhos de ferro do Estado, zelosa em extremo dos interesses que lhe estão confiados, tem systematicamente recusado a gentileza de conceder passes para viagem de propaganda de turismo...

Realmente, é justo que assim seja. Quando todo o mundo viaja de *borla*



Ao centro, o nosso Director, á esquerda, o Secretario e á direita, o Redactor em Chefe da Propaganda

nos Caminhos de ferro do Estado, seria um contrasenso que os propagandistas de turismo, que ha perto de seis anos veem prestando o mais inestimavel serviço patrio, não experimentassem ao vivo a sensação de irem á bilheteira comprar os seus bilhetes.

De contrario perder-se-hia a impressão supinamente mixta d'uma das mais atraentes sensações do turismo em Portugal. ...E ela dispõe realmente a viajar...

Fechado este parenthesis, continuamos a nossa descripção; devendo, porem, lealmente confessar que esse facto em nada influe na nossa critica.

Ao cabo de se correr a gare envolta n'uma *sympathica* semi-escuridão, encontramos, por fim, a mais comoda carruagem do comboio d'essa noite para o Algarve.

Era uma antiga carruagem da Companhia dos Wagons-Lits, das ha tempo adquiridas pelos Caminhos de ferro do Estado, que as transformou para serem utilizadas nos comboios correios do Sul.

Por uma extrema felicidade, encontramos ainda completamente desocupado um compartimento de três logares, que dir-se-hia reservado para os membros da excursão, que se compunha do Director, do Secretario e do Redactor em Chefe da propaganda da «Revista de Turismo», e seu editor.

Esse compartimento éra o que se destinava antigamente a proporcionar a comodidade de camas aos passageiros que podiam usufruir d'essa util regalia durante uma noite inteira; mas a experiencia mostrou que era mais proveitoso para os interesses dos Caminhos de ferro fazer cessar essa comodidade e oferecer aos passageiros os três logares do compartimento que, armando camas, apenas serviria para dois.

E como d'essa *intelligente* medida resultava uma aparente economia, não houve hesitação alguma em pol-a em pratica.

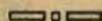
Resultado: — mesmo que o passageiro queira saborear o regalo de passar uma noite dormindo n'uma cama do comboio em marcha para o Sul, não lhe impor-

tando o preço d'esse luxo, não o póde fazer, porque não lh'o consente a sábia Administração ferro-viaria do Estado.

Assim, perde o caminho de ferro pelo menos a receita proveniente do aluguer da cama, em troca d'um lugar ocupado por um borlista...

O peor é que, pela especial disposição d'esses compartimentos, os encostos são absolutamente direitos, não proporcionando comodidade alguma.

Mas, enfim, os passageiros que se aguentem — e foi o que nos aconteceu.



Posto o comboio em marcha, por volta das 21 horas, pudémos constatar a companhia d'alguns amigos, que nos entreteram por algum tempo com a sua alegre cavaqueira. Historias, anedoctas, apreciações, simples criticas, entrecortaram-se durante as horas em que o comboio, rolando lenta e cadenciadamente sobre as duas fitas d'aço, avançava pelo Alemtejo, cuja travessia, fazendo-se de noite, não proporciona felizmente a sensação desagradavel da aridez d'essa improductiva provincia.

Na Casa Branca, alguns dos companheiros que se dirigiram a Evora, deixaram-nos entregues simplesmente á graça em que os nossos espiritos se pudessem converter e á esperanza de sermos hypnotizados pela vehemencia de Morpheu, quando as concomitantes da viagem naturalmente nos atacassem.

A nossa disposição sendo boa e o nosso entusiasmo sendo muito, não resistiriam comtudo, á tentação provocada pela monotonia do rodar do comboio.

Até Beja, onde chegámos pela 1 hora, a nossa satisfação d'uma viagem interessante aguentou-nos; tanto mais que, bem prevenidos, amenisámos um quarto do caminho com uma excelente ceia.

— Não damos o menú para não fazer crescer agua na boca aos que nos lêrem...

Terminámos esse alegre e confortavel repasto justamente quando o silvado continuo da maquina anunciava a chegada

do comboio á capital do Alemtejo e as rodas das carruagens batiam sêcamente nas agulhas d'entrada da estação.

Ali nos apeámos na esperança de tomarmos uma saborosa chavena de chá no restaurante, como complemento da nossa opipara ceia.

Mas, chegou-nos a segunda decepção: o restaurante estava imerso em quasi profunda escuridão — talvez pela aluvião de zombeteiras môscas que, não só pela quantidade, como pela côr, quebravam mais ainda o poder iluminante da frouxa luz, já de si impotente para tão grande circulo.

Emfim meio ás apalpadelas conseguimos encontrar, por indicação d'um *lesto e cortez* creado, uma como que meza d'albergue onde, tristemente e em desalinho, repousavam as chicaras que esperavam a vez de conduzirem aos resequidos labios dos viajantes, o producto liquido que um inestethico bule continha, e que muito se assemelhava a chá.

Por um irresistivel vicio que nos ficou de creança, assenhoreámo-nos d'uma d'essas tristes chavenas e fizemos incidir na plenitude do nosso estomago esse liquido de côr indecisa e de sabôr duvidoso.

N'um prato artisticamente decorado com diversas rachas, atestando um notavel cuidado de conservação, algumas fatias de pão torrado ofereciam-se á avidéz dos estomagos desprevenidos e das bolsas mais economicas. As mais exigentes em conforto, obrigaram os seus *detentores* a esportularem algumas dezenas de mil réis, como paga d'um minuscuro bife, dois ovos de pintainho e uma chicara de *chá!*

Não fazemos reparo; constatamos o facto que nos foi denunciado por um amavel companheiro de viagem, a quem a ceia, pelo preço, estava causando agônias...

E' evidente que, quem quer luxos, paga-os, presentemente, a bom preço; e o de se comêr no restaurante d'uma gare de caminho de ferro, com o primoroso serviço do de Beja, deve sêr pago e bem pago.

...Só nos felicitamos de termos sido previdentes em nos prevenirmos com a nossa esplendida ceia.

(Continua)

A. L.

TURISMO INSULAR

CARTA DA MADEIRA

Funchal, Março de 1921

A primeira carta que d'aqui enviei para a *Revista de Turismo* e que foi publicada em o numero de Janeiro último, teve, segundo me consta, um successo que excedeu toda a minha expectativa. Foi lida e apreciada nos clubs e centros de conversa; tendo tido até as honras de transcrição no «Comercio da Madeira», que a publicou na integra.

Em vista de tão brilhante resultado, que registo com o maior desvanecimento, não posso deixar de continuar a minha

colaboração na *Revista de Turismo*, tanto quanto possivel ameudada e interessante. Assim, o meu entusiasmo redobra-se, principalmente, por vêr que, com geito e aturada paciencia, talvez seja possivel conseguir-se alguma coisa em beneficio d'esta desventurada Ilha; e esse é o motivo especial que me anima a proseguir na minha campanha, aliás secundada brilhantemente pelo «Comercio».

O que é preciso é formar opinião.

N'um dos artigos recentemente publicados n'esse jornal, sobre o turismo na Madeira, ha um ponto de que discordo;

e por isso a ele me vou referir de preferência, sem pretensões de estabelecer polemica, mas apenas desejoso de, por uma melhor interpretação sobre a essência da industria do turismo, esclarecer tanto quanto em mim cabe, o valor e a significação do *turista*.

Não aludirei á constituição da Sociedade de Propaganda da Madeira, senão para dizer que ela é uma obra que se impõe. A campanha patrioticamente levantada por aquele ilustrado colega, merece o mais simpatico apoio e o mais caloroso aplauso de todos os madeirenses.

N'uma proxima carta descreverei a minha idéa sobre a constituição d'essa util sociedade, esboçando o que me parece devêr sêr a sua ação especial, ação geral e todos os demais detalhes que possam tornar comprehensivel a minha fôrma de pensar a tal respeito.

O que me preocupa hoje especialmente, como assumpto desta carta (...e os leitores da *Revista de Turismo* que me perdõem não lhes descrever coisas que mais interesse lhes poderia dar) é a interpretação de *turismo* que vejo mencionada no artigo do «Comercio da Madeira» a que me referi.

Diz o articulista que, entre outras necessidades imediatas que se manifestam para a atração dos forasteiros ao Funchal, se torna tambem preciso *transformar a cidade n'uma cidade moderna*.

Ora isso, segundo o critério turistico, seria o maior e mais indesculpavel êrro que se cometeria. Tirar todo o cunho original, seja a que ponto fôr, para o transformar n'uma copia mais ou menos burlesca do que os estrangeiros estão fartos de vêr lá por fóra, seria o mesmo que dizer-lhes que não merecia a pena aqui virem, porque pouco haveria que os interessasse.

Não é esse o espirito a que obedece o turismo — e isso é facil de comprehender-se. O «turista», na lata acepção do termo, viaja por distração. Como tal, o que ambiciona são aspectos diversos e varios. Não lhe basta o inédito das belezas naturais, porque — em geral — não

é isso o que pôde unicamente satisfazer o seu desejo. O viajante «turista» gosta de apreciar igualmente os usos e costumes da terra que visita. A arquitectura das casas, que pôde representar uma estilisação original, proveniente de escola ou de um factio historico por legitima paixão patriótica; a ação do homem sobre a divisão da sua terra, o seu aproveitamento, o seu criterio quanto a arte, estetica e embelezamento — emfim, as mais insignificantes minudencias do genero humano, manifestadas segundo a educação e o temperamento, e sugestionadas pelo meio e pelo tempo, são outros tantos motivos de atração que o «turista» procura com interesse.

Se se desejar transformar o Funchal n'uma cidade moderna, o interesse que agora desperta pela originalidade das suas construções, pela disposição dos seus arruamentos e pelo talhe dos seus jardins, deixa de existir não só porque vae cahir na banalidade comum das copias, como, mesmo por esse motivo, se sugeita a classificações e criticas que pôdem sêr desprimorosas, perdendo, por conseguinte, os encantos proprios.

No turismo ha que observar, em primeiro logar e como regra principal, a conservação do existente. Isto, porém, não obsta a que se modifique e mesmo se elimine muita coisa que não presta por falta de significação ou porque, não representando factio algum, implica com a esthetica e com o bom senso.

Mas d'ahi a deitar-se abaixo o que principalmente representa um cunho original ou é um exemplo de epocas, factos, vida, educação, etnica, etc., só pelo simples desejo de transplantar, para a formosa Ilha do Atlantico, uma Barcelona, um pequeno Paris, um... etc. etc., é erro crassissimo, que redundará em completo prejuizo dos madeirenses.

Deve procurar-se, antes, modernisar-se o interior dos hoteis, proporcionando conforto e comodidade. Estude-se a viação, em estradas e meios de locomoção que tem de ser rapida, economica e comoda. Atenda-se á iluminação e principalmente á extre-

ma limpeza das ruas e logares publicos e de todas as propriedades e edificios, porque não ha nada que melhor impressão cause ao viajante do que a apparencia civilisada da terra onde desembarca. Os primeiros aspectos originam no «turista» a boa ou má impressão.

Organise-se o Museu, beneficiem-se os monumentos que representam factos da vida da Madeira; estabeleçam-se mercados interessantes, em que abundem as flores; dêem-se comodidades aos passageiros, desde o desembarque, já pelo serviço marítimo, quer pelo do caes; eliminem-se as imundicies e tudo quanto possa envergonhar a ci-

dade e causar incomodo moral ou material ao visitante; faculte-se-lhes a satisfação de appetites e de todos os pequenos caprichos que constituem surpresas agradaveis, e nada mais é preciso para atrair o viajante a uma terra como a Madeira, onde ainda a amenidade do clima e a delicia dos seus productos bastarão para encantar forasteiros.

Emquanto não se proceder assim, não se conseguirá o que todos os madeirenses desejam e que é uma aspiração, justa, legitima e sobretudo patriotica.

Voltaremos em breve ao assumpto.

C. N.

RIQUEZAS PATRIAS

CASTELOS DE PORTUGAL

TAMBEM Traz-os-Montes, a aspera provincia do Norte de Portugal, tem sobre os seus alcantis sinistros, antigos castellos, em derrocada, mas com as venerandas parêdes e tôrres ainda erguidas, para mostrar aos vindouros a intransigencia da fé transmontana.

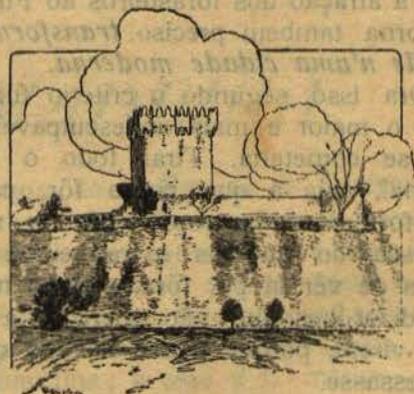
Eles bem representam a indole d'esse bom povo.

Pelo caminho de ferro do Vale do Corgo, têmos, lá ao fim, essa vetusta torre de *Chaves* a dominar o rico planalto, que o Tamega amacia e fecunda.

Essa torre, ninguem que, indo a Vidago ou ás Pedras Salgadas, ali a dois passos, por caminho de ferro, deixa de visitar; como tambem não esquece essa garganta de agua a ferver, que bróta junto do Tamega, como o reverso das aguas claras e frescas das muitas nascentes da veiga de Chaves.

Pela linha de Tua, o comboio, perfurando tuneis de sinistros penêdos, passa entre trincheiras abertas nas pedras duras

das Fragas Más que se sobrepõem em attitude infernal como que a desabar nas aguas esverdeadas do rio. N'esse trajecto



CASTELO DE CHAVES

se gasta pouco mais de 5 horas a *Bragança*, onde um velho castelo provoca admiração.

No alto da cidade, para o lado sul,

estendem-se as ruínas, d'esse monumento histórico que conserva ainda algumas torres de pé, assim como mantem umas portas e janelas de arquitectura interessante e curiosa.

Tem Bragança, ainda dignos de registo, as ruínas da antiga «Bragantia», um museu de antiguidades, as ruínas da casa sola-

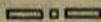


Lenda do Guerreiro Godo-Freixo de Espada-a-Cinta

renga dos duques de Bragança, junto do castelo, e um pelourinho.

Para alojamento de turistas, apenas tem uma hospedaria asseada.

E' triste, mas é verdade.



Quem quizer, porém, impressões de terras esquecidas da civilização, tome um trem, em Bragança ou em Vimioso, e vá até *Miranda do Douro*, onde ha as ruínas de um castelo com uma historia tragica e um valôr extraordinario d'arquitectura, com quadros em téla e madeira de um real aprêço.

O povo de Miranda, bondoso e humilde, é de tão primitivos costumes, que parece não terem por ali passados os seculos XIX e XX!

E' uma região adoravel pela sua simplicidade, tão grande que nos chega a confundir.

No caminho pode vêr-se, com um desvio de duas léguas, as famosas grutas de alabastro de Vimioso, que são das coisas mais surpreendentes do nosso paiz.

Miranda é uma pobre cidade, sem vida; e as suas ruas, desertas e tristes, são um flagrante contraste com a sua imponencia exterior.

O castelo, em ruínas, com alguns muros a atestar a sua grandeza d'outr'ora, foi derrocado por uma horrivel explosão no paiol, á força de mais de 1.500 arrobas de polvora!

E por isso — dizem os mirandezes — : *Nunca mais ouve alegria em Miranda.*

Eis porque as mirandenses são as «sempre tristes»...

Assim é; tudo aquilo é triste, e tão triste, como os alcantis do Douro, que lhe ficam perto, que dão uma nota segura de um scenario horrivelmente belo!

Mas toda aquela gente é bôa, como bôa é a dona da unica hospedaria de Miranda, uma santa velha que trata os viajantes com um carinho de avó.

O caminho de ferro, em construcção, brevemente chegará a estas esquecidas paragens; e então marcar-se-ha uma nova era de luz; e a alegria voltará, com o silvar da locomotiva, ao povo mirandez.

.. Se é possivel que ele deixe a sua habitual tristeza!

A' volta, a viagem pode alongar-se, a cavalo, n'uma visita aos castelos de *Mogadouro e Freixo de Espada á Cinta* tomando-se depois Barca d'Alva ou em Carnicaes novamente o comboio para o termo da viagem.

Finda aqui a descripção, feita a traços largos, dos castelos históricos que se encontram na metade norte da nossa rica terra.

Na parte Sul, alguma coisa ha de interessante; e a ela nos referiremos nos seguintes numeros.

GUERRA MAIO

TURISMO INSULAR

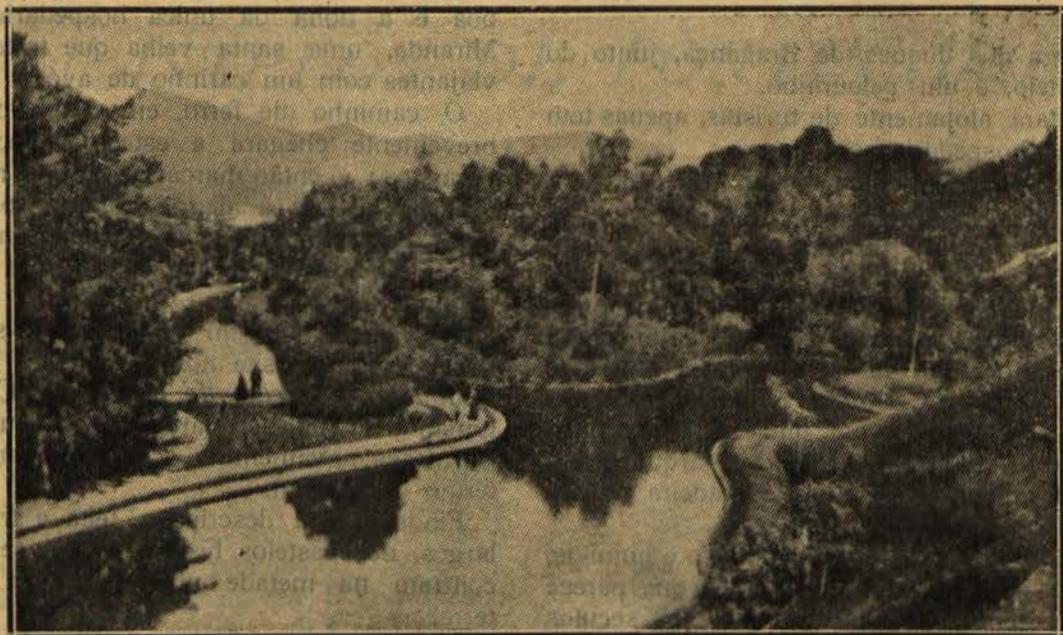
NA ILHA DE SÃO MIGUEL

UM PASSEIO ÀS FURNAS

A mesma idéa que eu tivera, de dirigir-me para o lado das Caldeiras das Furnas, tiveram tambem outras pessoas; e assim, não extranhei o encontrar pelo caminho vários cavalheiros e até dâmas, que eu vira á mēsa do Hotel. Entre esses turistas, notei dois com quem travára leve conversa ao jantar e que, continuada ali, quizeram graciosamente servir-me de amáveis *ciceróni*.

Passado um comprido arruamento, la-

circulares, uns altos, outros baixinhos, como se usam nas eiras estremēhas, limitavam os espaços onde os «geissers» se projectavam em grandes curvaturas, elevando-se em continuos turbilhões de vapôres a grande altura, os quaes, ao contacto com a atmosfera, se transformavam em miuda chuvinha morna; indo outra parte, correndo já em agua, perder-se pelas encostas, a juntar-se ao curso da Ribeira Quente, além da que, como depois soube, era cap-



Lago e Parque do Marquez da Praia

deado de pequenas construções rusticas de pitorêscó aspecto exterior, deparou-se-nos, n'um largo espaço, o fundo do Vale, sem vegetação alguma e d'onde eu via elevarem-se continuamente grandes rôlos de vapôres amarelados. Aqui, ali, muros

tada para os banhos termaes.

Mais adiante, via um agrupamento de altas rochas, tendo escancaradá uma abertura na base, da qual se exalavam, tambem, para o ar, densas fumaradas, assemelhando a côr do enxôfre, e tudo acom-

panhado de um intermitente estromdear cavo, saído lá bem do fundo, como se um embolo de potente maquinismo lá estivesse ocultamente trabalhando, n'um arfar continuo.

— Sabe o nome que aqui dão a esta caldeira?, — perguntou-me, sorrindo, um dos meus novos companheiros.

— Ignoro, — respondi — mas imagino que será o nome de qualquer cousa diabólica, em vista de tão extraordinário aspecto e do barulho que faz.

— Acertou — continuou elle — está em frente da Caldeira de «Pero Botêlho».

— Crédo, cruces, anjo bento, — como diria, benzendo-se, uma velhota alfamista ao saber tal. Ai de quem cair lá no buraco hiante — disse eu, vendo que só uma pequena defêsa limitava tão perigoso recinto.

— Nem a alma se lhe aproveitava — confirmou um d'elles; e contaram-me então, o caso acontecido algum tempo antes, a uma pobre cavalgadura, que se soltára e fugira para a eira, que viramos ha pouco, e que tendo caído lá dentro, logo em pouco tempo, sob a ação da grande temperatura em ebulição, as carnes e os ossos separaram-se-lhe em poucos minutos. Um horrôr!

— Quere o meu amigo vêr uma singularidade que tem a «Pero Botêlho» — disseram-me; e o companheiro, apanhando

uma pequena pedra do chão, atirou-a pela negra abertura.

A pedrinha desapareceu e acto continuo os espacejados estrondos tornaram-se mais fortes, sem todavia perderem o rithmo.

Como sempre, dia e noite segue seu fadário tão infernal «geisser»; parecia porém que ele se zangára com o atrevimento de se lhe têr atirado a pedra, socegando de ali a nada, visto que, pouco depois, voltava á sua cadencia habitual.

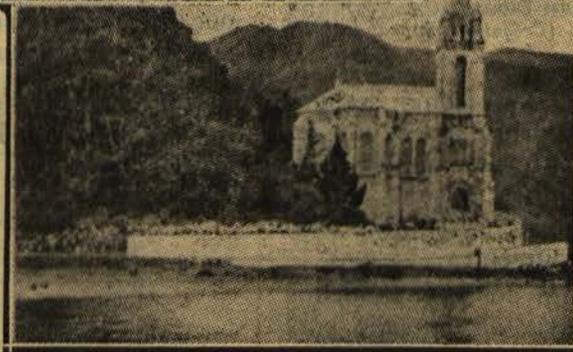
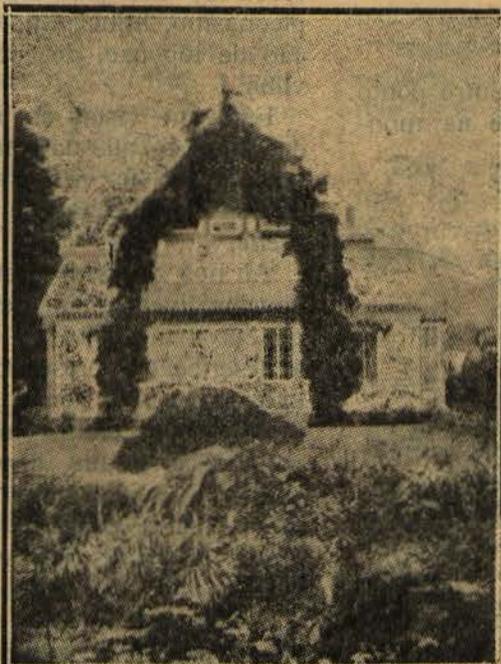
Por meu lado, repeti mais de uma vez a curiosa experiencia, e sempre com identico resultado de augmentativo estromdear.

Em diversos sitios d'aquelle espaçado local, que grandes montes cheios de ubérrima vegetação circundavam, também elevavam outros «geissers» as suas enormes fumaradas.

Seguia por ali já um tanto inquieto, até que apalpando o escaldado chão, notei-o assás quente, dando-me a im-

pressão de que caminhava sobre a tampa de uma marmita colossal cujo contheudo estivesse em ebulição.

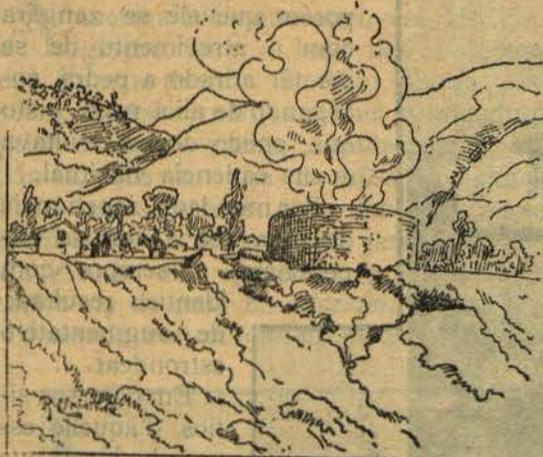
Não pude deixar de dizer aos meus dois companheiros, que todo aquele solo se me afigurava subverter-se d'um momento para o outro. Recordaram-me, porém, que, desde os mais antigos tempos do descobrimento, aqueles fenómenos vulcânicos se produziam, o que não queria dizer — concordou um d'elles — que grandes terrem-



1.º Chalet Canto — 2.º Capela Canto no Lago das Furnas

tos se não tenham sucedido n'aquela bela ilha açôriana, como o que destruiu a povoação de Vila Franca do Campo.

Mais distantes agora, n'um outro ponto d'aquela solo vulcânico, de que as mon-



Caldeira das Furnas
(Croquis do natural de R. C.)

tanhas em torno formam como deslumbrante cratera, vi a curiosidade d'uns regatosinhos, — como se fosse em Liliput, — partindo de sitios proximos uns dos outros, mas com côres diversas e tambem com condições quimicas diferentes.

Ao meu reparo, um dos companheiros explicou-me, que havia ali remédio para várias enfermidades, e acrescentou:

— Ninguem visita as Furnas que não beba a agua «azêda,» — que eu via brotar da fonte ante a qual nos achavamos e d'onde um fiosinho de agua limpida corria por um pequeno tubo.

— Deve ser boa para o estomago, não é verdade? — inquiri curiôso, vendo várias pessoas sentadas em volta da fontinha e cada uma bebendo por uma larga folha de inhâme, que era um copo facil de arranjar nas moitas d'aquela arbusto tropical, que ali proximo crescia, com profusão, nos alagadiços.

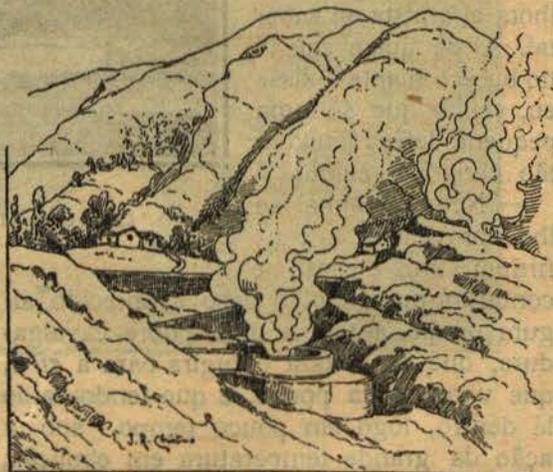
Tambem, como os demais circumstantes, provei a medicinal agua, não sem fazer uma carêta ao seu sabôr azêdo. Pareceu-me boa para abrir o apetite — um pleonasma, afinal, — no meio d'aquela estação de repouso, de encanto, e de maravilha.

Estavam vistas as infernaes raridades das Furnas, que davam vontade de deixar um cartão de vizita a Bêlzebu... elogiando-o e felicitando-o por aquela *mise-en-scène*.

Ali nos quedámos sentados, observando aqueles diversos fenomenos geológicos, dos quaes os meus novos amigos me faziam a descripção, acrescentando que aquelas aguas ferventes, tendo grandes qualidades terapeuticas, eram em parte captadas e conduzidas a um importante estabelecimento balnear, que um cabêço proximo nos ocultava, e onde vinham tratar-se inumeros açoriânos das varias ilhas do archipelago.

— De maneira que as caldeiras, começando por serem aguas satânicas, acabam por serem aguas santas — conclui eu, com este trocadilho barato.

No dia seguinte, com interesse visitei os «Banhos das Furnas» que vi sêr, na



Caldeira das Furnas
(Croquis do natural de R. C.)

verdade, um vasto e bem disposto edificio apropriado a tal fim, destacando-se

n'um local belamente arborizado e ajardinado na frente.

Mais tarde subi a um dos montes visinhos para vêr em conjunto tão curiosa região, na qual se destacavam as «caldeiras», os «arruamentos» da enorme aldeia, perdendo-se a casaria pelos vales e intervalos dos montes e os «macissos de vegetação». No extremo longinquo viam-se palacêtes e Santa Ana, elegante igreja da freguezia com a sua lateral torre sineira.

D'esse admiravel conjunto fiz ali um detalhado desenho, que serviu de base para, em Lisboa, litografar um panorâma, de que a estampa do numero anterior da «Revista de Turismo» é uma reprodução muito reduzida.

Foi ali, n'aquela eminencia, que tive occasião de apreciar a extraordinária florescencia das lindas hortensias, que como catadupas de coloridas florese verduras, parecia precipitarem-se pelos declives da serra; isto por todos os pontos por onde eu passava.

Tinha notado que entre os hospedes do Hotel estavam dois professores suissos, que exerciam o seu mister no Canadá (Montreal) e ali tinham ido em viagem de turismo, passar as férias grandes, e com quem — como colegas — travei relações, n'aquela pouco tempo.

— Digam-me, perguntei-lhes, n'uma occasião, vendo-os entusiasmado com aquele extraordinario sitio: — este aspecto montanhoso deve ter alguma semelhança com a vossa admiravel Suissa, não é verdade?

— Muita, me responderam — e com uma diferença a mais, que é aqui haver abundancia de flores, o que lá não existe.

Mas nem só flores aos montões em estado selvagem, brotam n'aquelas encantadoras serras, formadas de lombas e vales; tambem elas em magnificos jardins e parques ostentam suas delicadas côres, como se admiram na maravilhosa estancia, que é o parque e jardins do Marquêz da Praia e Monforte em que as mais variadas arvores e arbustos se refletem nas lustrosas aguas de lagos artificiaes, dispostos em alongadas e elegantes curvaturas.

Mais longe, e já na volta, admirei ainda o grande Lago das Furnas, em que as serras e o parque Canto, com sua Capela ogival e os enormes fetos arbóreos, se miram nas suas plácidas e transparentes aguas.

No regresso para Portugal, a bordo do paquete em que tomei logar, fixei para mim este axiôma:

Vale a pêne os incomodos da viagem pelo Oceano, para admirar as maravilhas naturaes que encerra a Ilha de São Miguel.

RIBEIRO CHRISTINO

REGISTO

«A Epoca»

REFERINDO-SE ao numero d'esta Revista relativa a Março passado, o nosso muito illustrado colega *A Epoca* dirigiu-se-nos em termos que nos permitimos a liberdade de transcrever:

«**Revista de Turismo.** — A absoluta falta de espaço com que luctamos actualmente não nos tem permitido fazer referencia ao ultimo numero d'esta brilhante Revista, relativo ao mez de Março passado.

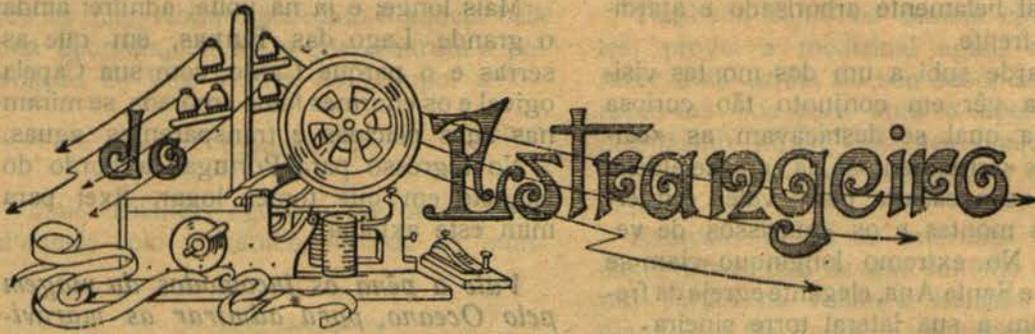
Esse numero, como todos os anteriores da interessante e patriótica *Revista de Turismo*, apresenta-se com o seu habitual belo aspecto e recheiada de artigos da maior oportunidade sobre a palpitante questão do Turismo em Portugal.

Algumas gravuras ilustram o texto, o que torna esta publicação, que é unica no genero em o nosso paiz, da maior utilidade.

Todos os bons portuguezes devem lê-la.»

Agradecendo, muito reconhecidos a gentileza d'esse nosso brilhante confrade, aproveitamos o ensejo para o felicitar pelo seu aniversario, apresentando por esse motivo ao seu Excelentissimo Director, Sr. Engenheiro José Fernando de Souza e ao distincto pessoal da sua Redacção, os nossos mais rendidos e respeitosos cumprimentos, a que juntamos os nossos melhores votos de prosperidade.

Do Commissariado Geral dos Serviços d'Emigração recebemos o Boletim d'emigração referido ao periodo de Janeiro a Junho de 1920; remessa que muito agradecemos.



FRANÇA

O «Camping»

SEGUNDO se acha projectado, o Touring-Club de França, organizará, nos mezes de Junho e Setembro do corrente ano, grandes provas de «camping».

Esta idéa tem tido o melhor acolhimento entre todas as agremiações desportivas e de turismo, que se acham empenhadas em preparar as suas «équipes», para um completo exito d'essa interessante forma de vilegiatura.

Segundo a interpretação d'um scintilante espirito francez, o «camping» pode sêr definido como a «vagabundagem civilisada que se basta e se diverte a si mesmo».

Com effeito, não pode facilmente haver recreio mais atrahente do que a vida errante do caminheiro no campo, em procura das surpresas que a cada passo expontaneamente lhe surgem.

O imprevisito, o inédito, as sensações mais extraordinarias aliam-se e conjugam-se com o absolutamente original que constitue a vida do «camping».

Náda ha de mais salutar para o corpo e para o espirito do que o exercicio d'essa interessantissima diversão, feita ao ar livre em pleno campo, fazendo movimentar todo o organismo n'uma atmosphéra de puro oxigenio, beneficiada pelo influxo aromatisado das emanações da natureza.

Superior a qualquer genero de sport, ele pode abranger todos pelas situações em que muitas vezes a audacia, a rapidez de movimentos, a leveza, o golpe de vista, a agilidade, são postos á prova como attributos essencialissimos á existencia do homem na Terra.

Não quére isto dizer que o «camping» seja uma diversão arriscada, que não possa ser praticada pelos cautelosos e prudentes. Póde e deve, porque na vida em «camping» um dos apangios é a prudencia.

Todavia, a liberdade especial proporcionáda por essa forma de viver, dá alentos, energias e enthusiasmos que devem ser relativas (como tudo n'este mundo) para que ela seja gozada com amplos beneficios.

Ora, é precisamente para a instrução geral sobre esse esplendido recreio, que o Touring-Club de França vae ensaiar as primeiras provas. D'elas surtirá sem duvida, o enthusiasmo necessario para que os apaixonados pela vida selvagem do campo estudem os meios de a amenisarem no que possa têr de relativamente incomodo; de facilitarem a sua pratica como o mais benéfico recreio corporal e espiritual; e de a tornarem tão simples e tão acessivel que possa facilmente despertar o maior enthusiasmo e sêr gozada pelo maior numero.

E' este um salutar meio para atrahir o amor á terra e para um sadio rejuvenescimento das raças. Ele servirá também para facultar, aos que o pratiquem, condições geraes da vida que muito uteis se farão sentir no periodo intenso do labôr das sociedades, preparando-as para uma maior perfectibilidade na convivencia, moral e material.

Emfim, são estas as bases geraes em que assenta a propaganda que se está fazendo entre as associações de turismo e desportivas da França para uma larga pratica do «camping».

Prolongamento das estações thermaes

UM dos casos que está actualmente prendendo a atenção dos technicos e, muito em especial, da Repartição Nacional de Turismo, é o alargamento do prazo das *estações thermaes*.

Para conseguir esse *desiderata*, aquella Repartição acaba de fazer um apelo a todas as entidades suscetiveis de ajudarem a generalisação d'essa importantissima medida.

Assim, as municipalidades, os medicos, os syndicatos d'iniciativa e as empresas de estancias thermaes e de transportes, foram convidadas a manifestar-se sobre o questionario que lhes foi apresentado; tendo-se já algumas d'elas pronunciado pela mais absoluta concordancia sobre a questão.

Como é facil de deprehender-se, esta medida é d'um largo alcance pelos seus resultados praticos, quanto a beneficios realisaveis.